

# Visões transnacionais na poesia femenina negra das Américas: Alice Walker, Marie-Célie Agnant, Cristina Cabral e Conceição Evaristo\*

Ana Beatriz Gonçalves<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)

## Resumo

Este artigo se propõe a traçar possíveis territórios de escrita feminina negra nas Américas e a estabelecer relações com o legado da diáspora. Para tal, baseio-me em uma seleção de poemas de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), da brasileira Conceição Evaristo; *Memoria y resistencia* (2004), de Cristina Cabral, do Uruguai; *Balafres* (1994), de Marie-Célie Agnant, do Haiti; e de *Once* (1968) e *Revolutionary Petunias* (1973), da estadunidense Alice Walker. Concentro-me em aspectos semelhantes na poesia de cada uma das autoras como modo de estabelecer parâmetros transnacionais na escrita negra das Américas.

**Palavras-chave:** diáspora; feminismo transnacional; literatura negra.

## Abstract

The purpose of this article is to trace possible territories of black feminine writing in the Americas, establishing relations with the legacy of diaspora. I base my study in a selection of poems from *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), by the Brazilian Conceição Evaristo; *Memoria y resistencia* (2004) by Cristina Cabral, from Uruguay; *Balafres* (1994), by Marie-Célie Agnant, from Haiti; and from *Once* (1968) and *Revolutionary Petunias* (1973), by the North American Alice Walker. I concentrate on similar aspects of their poetry as a way of establishing transnational parameters in black writing in the Americas.

**Keywords:** diaspora; transnational feminism; black literature.

---

\* **Transnational perceptions in black poetry by women of the Americas: Alice Walker, Marie-Celie Agnant and Conceição Evaristo.**

Uma versão deste artigo foi publicada em Carrizo, Silvina & Noronha, Jovita (2010).

<sup>1</sup> Doctora en Letras por la Universidad de Texas (EE.UU). Profesora Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil). e-mail: anag382@hotmail.com

Nas últimas décadas do século XX um campo de estudo denominado estudos transnacionais emerge no campo das ciências sociais. Legitimado pelas novas teorias da globalização, tal campo é geralmente entendido como uma consequência que a última onda de globalização comparte com o momento histórico do capitalismo tardio, caracterizado pela lógica do capital financeiro, da acumulação flexível e da divisão pós-fordista internacional do trabalho.

Se, por um lado, o transnacional reafirma a globalização, uma vez que celebra utopicamente o “fim das fronteiras” para a constituição de um mercado global, por outro, pode-se considerá-lo como uma forma de resistência, já que considera as práticas daqueles que rejeitam a assimilação globalizadora.

Nesse contexto de resistência à assimilação, Constance Richards (2000) propõe, dentro dos estudos de gênero, uma teoria literária feminina que dê conta da produção e do consumo da literatura no âmbito do capitalismo, do colonialismo, do imperialismo e do patriarcalismo. Segundo a autora, “uma teoria literária deve pensar as formas que o colonialismo e o capitalismo global forçam a interseção da experiência, mesmo contra a tendência de alienação, possibilitando tipos de solidariedade culturais entre os centros coloniais e seus impérios”<sup>2</sup> (12). É nesse sentido que desenvolve a noção de “feminismo transnacional” (transnational feminism), uma prática que nos permite ver a experiência das mulheres mais amplamente do que seria possível em situações específicas, enquanto ao mesmo tempo nos permite reconhecer limitações de uma perspectiva global que tenta homogeneizar a experiência, mascarando a especificidade histórica. As experiências históricas específicas dos sujeitos individuais e grupos são de fato influenciadas pelo fluxo de capital, expressas nas formas de deslocamento cultural, expatriação, migração e apropriação<sup>3</sup> (Richards, 12)

A ênfase transnacional nos permite sair da noção de uma prática feminista localizada e articular um modelo que subverte ordens estabelecidas pelo centro, fortalecendo, conseqüentemente,

<sup>2</sup> No original: “a literary theory should address the ways colonialism and global capitalism force the intersection of experience, even against the tendency of alienation, making possible the kind of cross-cultural solidarity between colonial centers and their empire”.

<sup>3</sup> No original: allow us to view the experience of women more broadly than is possible in localized situations, while at the same time it allows us to recognize limitations of a global perspective that tends to homogenize experience, masking historical specificity. The specific historical experiences of individual subjects and groups are indeed influenced by the international flow of capital expressed in the forms of cultural displacement, expatriation, migration, and appropriation (12)

posições geralmente marginalizadas. O feminismo transnacional deve, então, traduzir-se em práticas que, por um lado, sejam capazes de resistir a modos de opressão cultural, mas, por outro, respeitem as particularidades históricas. Ou seja, ter como o ponto de partida é um estágio que possibilite pensar na diferença não como geradora de conflito, mas como força questionadora.

Outra vertente dos estudos de gênero representada aqui por Chandra Talpade Mohanty trata a questão feminina no Terceiro Mundo. Em um ensaio titulado “Cartographies of Struggle: Third World Women and the Politics of Feminism” (2003), Mohanty traça algumas considerações sobre o que se entende por Terceiro Mundo. Para ela, essa noção vem se modificando ao longo do tempo, ou seja, no mundo pós-industrial, os sistemas socioeconômicos e os processos ideológicos colocam os povos da África, Ásia, América Latina e do Oriente Médio, assim como as populações ‘minoritárias’ dos Estados Unidos e Europa em relações semelhantes ao estado (Mohanty, 2003: 44).<sup>4</sup>

A autora questiona também como questões de gênero, raça e nação interagem para articular e determinar práticas feministas no que ela considera Terceiro Mundo. Para Mohanty, a categoria “mulheres do terceiro mundo” tem que ser uma categoria analítica e, sobre tudo, política, porque “explora as relações entre as histórias e as lutas contra o racismo, o sexismo, o colonialismo e o monopólio do capital” (Mohanty, 44). Ao desenvolver essa noção, a autora se vale do conceito de “Comunidades Imaginadas”, desenvolvido por Benedict Anderson. Assim sendo, a ideia de comunidade imaginada é útil porque nos conduz para além das noções essencialistas das lutas femininas do Terceiro Mundo, sugerindo alianças políticas em lugar de biológicas ou culturais. Não é a cor ou o sexo que constrói o campo para essas lutas. É a maneira como pensamos sobre raça, classe ou gênero –o elo político que escolhemos fazer entre essas lutas<sup>5</sup> (45)

---

<sup>4</sup> No original: “In the postindustrial world, systemic socioeconomic and ideological processes position the peoples of Africa, Asia, Latin America, and the Middle East, as well as ‘minority’ populations in the United States and Europe, in similar relationships to the state.

<sup>5</sup> No original: “The idea of imagined community is useful because it leads us away from essentialist notions of Third World feminist struggles, suggesting political rather than biological or cultural bases for alliance. It is not color or sex that constructs the ground for these struggles. Rather, it is the way we think about race, class, and gender – the political links we choose to make among and between struggles.”

Na mesma linha do feminismo transnacional, mas levando em conta algumas considerações do feminismo do Terceiro Mundo, Carole Boyce-Davies (1994) propõe o conceito de “textualidades insurgentes” (uprising textualities) Se trata de uma abordagem desde a perspectiva da mulher cujos pontos centrais envolve a crítica anti-imperialista (Davies, 1994: 109) e também o questionamento dessa violência simbólico-sexual perpetrada pelos colonizadores. Nesse contexto a retomada dos lugares ditos “universais” do colonizador são subversivas na medida em que deslocam o lugar comum de submissão das mulheres, em um discurso poético com foco no entre mulheres.

Embora a teórica se refira especificamente à escrita feminina negra no contexto britânico, as mulheres negras escritoras possuem a característica de cruzar fronteiras e, de certa forma, reconectarem-se em diferentes espaços e tempos. Nesse sentido, a escrita das mulheres negras deve ser considerada sob perspectivas culturais, transnacionais, translocais e diaspóricas, que deve ser lida como “uma série de cruzamentos de fronteiras, não como uma categoria de escrita fixa geográfica, étnica ou nacionalmente.”<sup>6</sup> (Davies, 4). É “a convergência de múltiplos lugares e culturas que re-negocia a experiência das mulheres negras que, ao mesmo tempo, negocia e re-negocia suas identidades”<sup>7</sup> (3). Segundo Boyce-Davies, “essa proposta de leitura da escrita das mulheres negras redefine identidade longe da exclusão e da marginalização, porque redefine suas identidades, as re-conecta, e agrupa mulheres negras desconectadas no tempo e no espaço”<sup>8</sup> (4).

Neste trabalho proponho uma leitura de alguns poemas para traçar possíveis territórios de escrita feminina negra nas Américas e a estabelecer relações com o legado da diáspora. Para tal, baseio-me em uma seleção de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), da brasileira Conceição Evaristo; *Memoria y resistencia* (2004) de Cristina Cabral, do Uruguai; *Balafres* (1994), de Marie-Célie Agnant, do Haiti; e de *Once* (1968) e *Revolutionary Petunias* (1973), da estadunidense Alice Walker. Tento estabelecer possíveis relações com o legado histórico da diáspora, considerando que,

<sup>6</sup> No original: a series of boundary crossings and not as a fixed, geographical, ethnically or nationally bound category of writing”

<sup>7</sup> No original: “the convergence of multiple places and cultures that re-negotiates the terms of Black women’s experience that in turn negotiates and re-negotiates their identities”.

<sup>8</sup> No original: “this reworking of the grounds of ‘Black Women’s Writing’ redefines identity away from exclusion and marginality, because it “redefines its identity as it re-connects and re-members, brings together black women dis-located in space and time”.

apesar de haverem nascido em contextos culturais distintos, que não cabe discutir nesse espaço, percebemos na obra de cada uma dessas poetisas aspectos comuns que nos remetem à condição de “poetisas do Terceiro Mundo”, segundo a concepção de Mohanty. Observamos, também, algumas estratégias do feminismo transnacional, segundo a concepção de Richards.

Tentamos, desse modo, responder algumas questões observadas na poesia de cada uma delas. A saber: como articulam/negociam suas identidades essas mulheres? Ao ler seus trabalhos, percebemos que nossas poetisas compartilham muitas preocupações: falam delas mesmas, de suas casas, de seus amores, da família, da história, etc. Para o propósito deste trabalho, analisarei alguns aspectos que considero de profunda importância quando pensamos em literatura das mulheres da diáspora. São eles: a poesia como mecanismos de resistência, a representação do lugar, a recuperação da história através de um viés feminino e a auto-representação.

Alice Walker, uma das mais conhecidas escritoras negras estadunidenses nasceu em 1944 em Eatonton, no estado da Geórgia, sul dos Estados Unidos. Filha de agricultores, ela perdeu a visão de um dos olhos aos 8 anos de idade, em um acidente, o que a leva a sentir-se feia e deslocada, buscando refúgio na leitura. Walker iniciou sua carreira de escritora com *Once* (1968), um volume de poesias, e alcançou fama mundial com *A Cor Púrpura* (1982), premiado com o Prêmio Pulitzer de Ficção e que três anos mais tarde chegou ao cinema dirigido por Steven Spielberg. Sua extensa obra inclui romances, poesia, crítica literária. Ativista convicta, participou de vários movimentos pelos direitos dos negros e das mulheres.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, na região sudeste do Brasil. Cresceu e viveu na comunidade (favela) “Pindura Saia” até o ano de 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Poeta, romancista, contista teve seu primeiro romance, *Ponciá Vicencio*, publicado em 2003, já traduzido a vários idiomas; em junho de 2006 publicou *Becos da Memória*, seu segundo romance. Em 2008 publica *Poemas da recordação e outros movimentos*; em 2011, o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em 2014, outro livro de contos, *Olhos d’água* e em 2016, *Histórias de leves enganos e parecenças*. Desde 2009 vem participando de várias antologias de literatura afro-brasileira, tanto no Brasil como no exterior.

Nascida em Port-au-Prince, Haiti, em 1953, Marie-Célie Agnant vive no Quebec desde 1970. Sua carreira literária inclui poesia, contos,

romances, novelas e literatura infanto-juvenil. Os temas de suas obras refletem o percurso e as preocupações da escritora com o país de origem, com aquele onde se encontra. *La dot de Sara* (1995), seu primeiro romance, foi publicado em Montreal pelas Éditions du remue-ménage. Seus textos já foram traduzidos a vários idiomas, tais como inglês, espanhol, italiano, coreano. Seu romance *Le Silence comme le sang* (1997), foi indicado em 1998 ao Governor General's Award, prêmio canadense, estabelecido em 1873 para honrar as artes, as ciências, as humanidades e os esportes. Além de escritora, atuou como tradutora, intérprete.

Cristina Rodríguez Cabral nasceu em Montevideo, Uruguai, em 1959. Em 1998 se muda aos Estados Unidos para cursar doutorado. É professora titular de espanhol e literaturas hispânicas na North Carolina Central University. Sua vasta obra inclui poesia, contos, crítica literária. Em 1989, *De par en par*, uma coleção de poemas e prosa poética, foi publicada por Mundo Afro, no Uruguai. Além disso, sua poesia vem ganhando destaque em periódicos tais como *Afro Hispanic Review* e *PALARA*, ambos dos Estados Unidos. Seu livro de poemas, *Memória & Resistência*, foi publicado em Santo Domingo, na República Dominicana pela Editora Manatí em 2004. Atualmente está finalizando *Telarañas*, uma nova publicação de poemas, ainda sem data para ser publicado.

Como ponto de partida, desejo observar como a mulher negra passa de objeto a sujeito, ou seja, como essas mulheres de percebem e através de quais processos negociam suas identidades. A auto-representação nos permite questionar identidades negras estereotipadas.

Em “Eu-mulher”, de Conceição Evaristo (2008), percebemos uma voz poética que reconhece a importância de ser mulher:

Eu-mulher em rios vermelhos  
 inauguro a vida.  
 em baixa voz  
 violento os tímpanos do mundo.  
 Antevejo.  
 antecipo.  
 Antes-vivo.  
 Antes-agora-o que há de vir.  
 Eu fêmea-matriz.  
 Eu força-motriz.  
 Eu-mulher  
 abrigo da semente  
 moto-contínuo do mundo

Falando na primeira pessoa do singular, “eu”, mas em nome de todas as mulheres, ELA é a força, o motor que move o mundo (eu fêmea-matriz / eu força-motriz), é passado, presente e futuro (antes-agora-o que ha de vir) porque es ela que leva a semente que gera a vida, é por meio dela que a vida existe (abrigo da semente / moto-contínuo do mundo). A vida é percebida através de imagens como sangue, semente, conectando-a à natureza (otro aspecto – conexión de la mujer negra a la naturaleza). Não obstante, sabe que o mundo ainda é masculino: a vida é inaugurada em voz baixa, num sussuro quase (inauguro a vida / em baixa voz); mas o desejo de falar, de ter voz, violenta o tímpano de um mundo que não quer escutar. Imagens de silêncio, de palavras não ditas nos mostram que a voz feminina ainda está silenciada. Seus desejos são vagos, insinuados.

Cristina Cabral (2004) em “Candombe de resistencia” se posiciona como una mulher negra nessa América Mestiça.

Latina,  
hispana,  
sudamericana  
con sangre Africana latiendo en mis venas,  
soy, ante todo,  
un ser humano;  
una mujer negra.

.....  
Soy una negra uruguaya,  
parida en la América Mestiza  
con sangre Africana templando  
el tambor de mis venas.  
Latina, Hispana, Sudamericana  
que más da;  
soy ante todo  
un Ser Humano  
una Mujer Negra

(17)

O sentido de “americanidade” sobressai nesse poema (latina, americana, mestiça), mas mais importante é seu sangue Africano, recuperado a través do uso de imagens como “tambor”: é uma mulher negra, uruguia, mas mais importante, é um ser humano. Ao assumir sua herança africana na América mestiça, a voz poética resiste à assimilação. Marie-Célie (1994) em “Euménides” se revolta contra o mundo masculino, contra a necessidade de usar a língua masculina para expressar-se:

J'ai dans le corps de manieres  
 de torrents en delire  
 grondements de terre en soubresauts  
 rebelle  
 La revolte dans le corps  
 ancrée  
 des la première aube  
 dans la langue des hommes  
 point de mots  
 pour peindre mes ramous

(9).

O uso de substantivos como torrents (torrente), revolte (revolta) e verbos como rebelle (rebelar), metáforas de seus sentimentos, nos mostra uma voz poética identificada com a natureza e sua fúria. Não é capaz de encontrar na língua masculina as palavras exatas para expressar-se.

Alice Walker em “Moody” se define da seguinte maneira: temperamento instável, em busca de algum lugar para parar, ou seja, ainda não encontrou seu lugar (home); o uso de imagens: se compara a uma enchente, que não distingue classe social ou raça. Através de imagens estereotípicas dos negros norte-americanos: sobrancelhas negras, (black brows), unhas afiadas (sharp nails) a voz-poética se compara a uma inundação, que ao mesmo tempo que é avassaladora, busca onde parar. A repetição do verbo to seek (buscar) nos indica esse desejo:

I am a moody woman  
 my temper as black as my brows  
 as sharp as my nails  
 as impartial as flood  
 that is seeking, seeking, seeking  
 always  
 somewhere to stop

(1968: 19).

A representação do lugar, em inglês home, que nos remete à noção de lar, é crucial no processo de articulação identitária. Entendemos lugar como expressão da identidade pessoal ou de um grupo demonstrando, assim uma necessidade de um ponto de referência, de identificação do EU o de um grupo com esse espaço (aqui em um sentido amplo). Por isso mesmo, as geografias do lugar estão intimamente relacionadas aos modos de interação com esse lugar. Dessa noção (de relação e interação com o lugar) surge a importância

do tempo histórico, a criação de um lugar coletivo na forma de um passado e uma origem comuns, característica muito presente nos escritores diaspóricos já que a necessidade de reviver / recontar / visitar a História é um elemento essencial na transformação de um espaço qualquer em lugar. O componente social é outro aspecto fundamental na relação que se tem com o lugar. Ou seja, o lugar é símbolo do EU sujeito e da cultura a qual pertence.

Boyce-Davies (1994) chama de subjetividade autobiográfica (autobiographical subjectivity) os mecanismos utilizados pelas escritoras da diáspora. Para ela, “a subjetividade autobiográfica da Mulher Negra é uma das maneiras nas quais a fala é articulada e a geografia redefinida”<sup>9</sup> (21). Deste modo, ainda segundo a autora, “a re-escrita do lugar de origem se torna um ponto de união crucial na articulação de identidade. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde viemos, mas também localiza o lugar de origem em suas muitas experiências transgressivas” (115)<sup>10</sup> Lar é local de onde viemos, onde pertencemos, mas também o local que nos isola/discrimina e que nos expulsa, de certa maneira. Assim, a migração cria o desejo pelo lugar de origem, o qual produz a reescrita desse lugar. Saudade ou abandono, a rejeição ao lugar de origem ou o desejo por esse lugar se tornam os fatores que motivam essa reescrita. Por ser um espaço contraditório, a representação se dá de diversas maneiras: rejeição e saudade são lugares-comuns na escrita das mulheres da diáspora.

Marie-Célie (1994) em “Incandescences” (a ces lieux de mon enfance...) se coloca numa posição de observadora. O Haiti não é o lar, e sim o lugar lembrado de sua infância.

Dans le couloirs de ma mémoire  
trimbale  
ce ballot de souvenirs cassés  
daïva  
receleur  
tour à tour  
au gré des jours  
un homme affamé.  
se mue en taureau  
hanches en cadence

<sup>9</sup> No original: “the autobiographical subjectivity of Black Women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined.” (21).

<sup>10</sup> No original: “the rewriting of home becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”. (115)

au rythme de la rage  
 pieds confondus avec l'asphalte  
 souvenirs  
 .....  
 dans le couloirs de ma mémoire  
 les souvenirs abrupts  
 désespérances  
 inconfortables  
 vertiges  
 cortège de momies  
 symphonie d'angoisses  
 baignés de sueurs  
 et de boues

(13).

A representação do lar pode ser um processo doloroso, e no caso de Marie-Célie, a dor é representada por meio da lembrança da miséria, da fome, ainda que disfarçada numa festa. Suas memórias são brutas justamente porque é a pobreza que vem à mente. Na primeira estrofe, um carnaval, um homem faminto fantasiado de touro, dançando ao ritmo da agonia. É um homem negro, descalço: “pés confundidos com o asfalto”. Já na segunda estrofe, desespero, desconforto, as pessoas são múmias cobertas de suor e lama. Festa e fome, prazer e desespero –tais são as imagens que o eu-poético traz do Haiti.

No caso de Cristina Cabral, o poema “Monte-vi-deo”, é um exemplo dessa relação problemática, de resistência e libertação, de buscar um lugar e ser rejeitado. Nos primeiros quatro versos observamos a cumplicidade da voz poética com a sua cidade natal, o que significa que Montevideo é o seu lugar. Entretanto, a partir do quinto verso, percebemos que essa mesma cidade a rejeita por meio de uma prática antiga, demonstrada pelo uso do adjetivo tradicional e a condena ao exílio. O uso do verbo condenar implica que se trata de um exílio não voluntário.

Ciudad que me ha visto nacer, crecer  
 amar, sufrir  
 morir  
 y hasta resucitar  
 hoy me mira con ojos extraños  
 me señala su tradicional  
 dedo crítico  
 y me condena al exilio

(2004:117).

Alice Walker (1968) em “South: the name of home” retoma o racismo do Sul dos USA. Assim, aspectos relacionados à alienação, a protestas, à fuga, mas também à religiosidade dos afro-americanos. É na fé que encontram esperança para dias melhores. O sul norte-americano é, mesmo assim, o que o lugar da poetisa.

i  
all that night  
I prayed for eyes to see again  
whose last sight  
had been a broken bottle  
held negligently  
in a racist  
fist  
God give us tress to plant  
and hands and eyes to  
love them (39).

Conceição (2008) in “Mineiridade” percebe Minas Gerais, seu estado natal, como o lugar ideal:

Quando chego de Minas  
trago sempre na boca um gosto de terra.  
Chego aqui com o coração fechado,  
Um “trem” esquisito no peito.  
Meus olhos chegam divagando saudades,  
meus pensamentos cheios de “uais”  
e esta cidade aqui me machuca  
me deixa maciça, cimento  
e sem jeito.  
Chegando de Minas  
trago sempre nos bolsos  
queijos, quiabos babentos  
da calma mineira.  
É duro, é triste  
ficar aqui  
com tanta mineiridade no peito

(68).

Este poema, como o poema de Cabral, é um poema de rejeição desde uma perspectiva feminina afro-descendente. Nesse caso, é a cidade adotada pela voz poética que a rejeita, expulsando-a para as margens. O uso de vocabulário regional mineiros: trem, uai; a referência a mineiridade, a calma mineira; a comida mineira, queijos, quiabos babentos nos evidencia o deslocamento do eu-lírico. A noção de

lugar (home) é aqui reconstruída utopicamente, como o lugar ideal, contrastando com a impersonalidade da cidade, provavelmente o Rio de Janeiro. Ironicamente, a “Cidade Maravilhosa” se transforma em um lugar frio, impessoal.

A experiência do lugar (home) ocorre de diferentes modos, de acordo a especificidades locais e, às vezes, histórias pessoais: para Marie Célie, Alice Walker e Cristina Cabral, essa relação é problemática porque se converte em sinônimo de racismo, pobreza, alienação, rejeição.

Outro aspecto de fundamental importância na poesia de nossas autoras é a recuperação da história através de uma voz estritamente feminina.

Kátia da Costa Bezerra (2007) argumenta que revisitar o passado é um ato subversivo, uma vez que “transmuta-se numa ferramenta crucial para compreender e denunciar os vários componentes que estruturam e oprimem a sociedade” (13). Rever o passado implica, então, o desejo de construir uma memória mais inclusiva, abrindo uma via de contínua constituição e reconstituição de um recordar que se quer dialético e heterogêneo. Isso significa debruçar-se sobre experiências pessoais e comunitárias, desnudando o silêncio do não dito, as áreas de opacidade e os momentos de resistência, sofrimento e opressão (*Ibíd.*).

Alice Walker (1973) no poema “Burial” retoma a história de sua avó, retomando, também a história das mulheres negras do sul norte-americano. Nesse extenso poema, a voz-poética se remete a aspectos típicos não só do sul norte-americano (Alice Walker nasceu na Geórgia), mas da população afro-descendente daquela parte do país. Nas primeiras estrofes do poema, uma jovem esposa, que teve dois filhos mortos antes do nascimento de sua mãe. Não era bela, mas obediente:

As a young woman, who had known her? Tripping  
eagerly, ‘loving wife,’ to my grandfather’s  
bed. Not pretty, but serviceable. A hard  
worker, with rough, moist hands. Her won two  
babies dead before she came

(12)

A partir do sexto verso a vida de luta dessa mulher é descrita. Observemos a mudança tipográfica, a repetição do verbo “to come”

na forma em pretérito, “came”, mostrando a vida de lutas dessa mulher:

Came to seven children.  
To aprons and sweat.  
Came to quilting.  
Came to canning and vegetable gardens  
big as fields.  
Came to fields to plow.  
Cotton to chop.  
Potatoes to dig.  
Came to multiple measles, chickenpots,  
and croup.  
Came to water from springs.  
Came to leaning houses one story high.  
Came to rivalries. Saturday night battles.  
Came to straightened hair, Noxzema, and  
feet washing at the Hardshell Baptist church.  
Came to zinnias around the woodpile.  
Came to grandchildren not of her blood  
whom she taught to dip snuff without  
sneezing.  
Came to death blank, forgetful of it all

(12).

“Vozes-Mulheres”, um extenso poema no qual o eu-lírico rememora a história da sua família, recuperando, assim, a história das mulheres afro-descendentes no Brasil. No início do poema, a imagem de sua avó, ainda criança, trazida ao “Novo Mundo” como escrava. Gritos e lamentos de uma infância perdida para o sistema colonial são ouvidos no porão do navio, lugar onde os escravos eram transportados:

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida

(2008: 10).

Passamos para a imagem da sua avó, que simboliza todas as mulheres vítimas do sistema escravista:

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo

(10)

Sua mãe, como muitas afro-descendentes no Brasil, é a imagem da continuação do sistema escravista no Brasil, ou seja, representa a falta de mecanismo de acesso a melhores condições sócio-econômicas, sendo obrigada a realizar funções pouco remuneradas nas casas dos “senhores”. Mas é na imagem de sua mãe, dessas mulheres que lutam diariamente, que observamos os primeiros sinais de resistência:

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagem suja dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

(10)

Sua voz, ainda perplexa com as injustiças sociais. Imagens de sangue e fome denotam a violência do sistema social brasileiro:

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome

(10)

É na imagem de sua filha, símbolo do passado, do presente e esperança para o futuro, símbolo de uma geração que carrega a história dos afro-descendentes e que, por isso mesmo, se vê obrigada a mudar o rumo dessa história dos que os primeiros vestígios de uma verdadeira libertação serão percebidos:

A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem –o hoje– o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade

(10).

Em “Candombe de resistência”, Cristina Cabral (2004) também recupera a história dos negros no Uruguai através da figura feminina, recuperando, dessa maneira, a história das mulheres afro-descendentes nesse país. Da escravidão da tataravó a trabalho como doméstica da sua mãe, evidenciando sempre um sentido de esperança e orgulho:

Mi abuela fue lavandera  
y mi abuelo historiador.  
.....  
La abuela de mi abuelo  
de niña fue esclava;  
.....  
Mi bisabuela no se equivocó  
al decir que seríamos libres,  
sobre todo de la ignorancia;  
el abuelo tampoco se equivocó  
al pensar que aceptaríamos  
nuestra africanidad uruguaya  
y la dignificaríamos.  
Mi madre no heredó  
esa loca pasión por los libros,  
así como tampoco vaciló  
en curvar su espalda  
lavando pisos  
para poder pagarme  
la mejor educación posible.  
.....  
De allí he surgido yo  
navegando libros,  
mares,  
y penas;

(20).

Como no poema de Conceição Evaristo, observamos que é na filha que estão depositadas todas as esperanças de um futuro melhor:

Mi hija es también otra guerrera,  
bebe a diario del bagaje cultural ancestral  
y genealógico  
de intentar ser cada día mejor (*Ibid.*).

Marie Célie em “Perejil” reconta um episódio da história do Haiti que marcou profundamente aquele país. Haiti, país predominante negro colonizado por franceses divide o território com a República

Dominicana, colonizada por espanhóis enquanto nação. Assim, desde o momento de sua formação como nação independente, os dominicanos forjam sua identidade em contraste com o Haiti. Dessa maneira, se o Haiti é negro, africano e praticante do vudú, a República Dominicana se quer branca, espanhola e católica. Durante a ditadura do General Trujillo intensifica-se esse sentimento de hispanidade e, conseqüentemente, mata todos os haitianos que estão no país, especialmente na região da fronteira. Para certificarem-se de que essa população a ser expulsa era realmente originária do país vizinho, pedia-se que dissessem a palavra “perejil”, uma vez que falantes nativos de francês em geral não conseguem pronunciar a letra “j”, pelo seu som gutural. Esse trágico episódio da história haitiana também é recuperado por Edwige Danticat em *Cosecha de Huesos*, por Mario Vargas Llosa em *La Fiesta del Chivo*, por Freddy Presto Castillo em *El Masacre se pasa a pie*, entre outros.

C’était une matin comme lês autres  
un matin de belle aube caraibe  
un matin d’octobre

.....  
Lês coqs n’avaient pás annoncé la folie  
mais elle avait jailli dans les cannaies  
elle avai nom

(Perejil, 1994: 88)

Relembrar esse trágico episódio da história haitiana (a ditadura do General Trujillo vai de 1930 a 1961, ano em que é assassinado) é relembrar a história do Haiti negro, pobre, analfabeto. História que contrasta com o Haiti de Alejo Carpentier em *El Reino de este mundo*, mas que não pode e nem deve ser esquecida. Por isso, o contraste entre a beleza do Caribe e o horror da matança, significando que o terror e a beleza estão lado a lado na pequena ilha do Caribe.

A que a existência da narrativa das mulheres do Terceiro Mundo por si só não é evidência do descentramento de histórias hegemônicas. Para Conceição, Cristina, Alice e Marie-Célie representa um ato de resistência, um ato marcado por uma posição política, étnica e social. As poetisas analisadas ao longo deste trabalho buscam denunciar práticas que integradas no dia-a-dia, se tornam “normais” na visão pública. Afinal, textos não são produzidos no vácuo. É a maneira como esses textos são lidos, compreendidos e, sobretudo, divulgados que nos importa.

## Bibliografia

- Agnant, M. C. (1994). *Balafres*. Collection Voix du Sud. Monreal: lês Editions du CIDIHCA.
- Bezerra, K. (2007). *Vozes em dissonância*. Mulheres, memória, nação. Florianópolis: Editora Mulheres,
- Boyce-Davies, C. (1994). *Black, Women, Writing, and Identity. Migrations of the subject*. London and New York: Routledge.
- Cabral, C. (2004). *Memória & Resistência*. Santo Domingo: Editora Manatí.
- Evaristo, C. (2008). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Mohanty, C. T. (2003). *Feminism without borders. Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham & London: Duke University Press.
- Richards, C. (2000). *On the Winds and Waves of Imagination. Transnational Feminism and Literature*. New York and London: Garland Publishing, Inc.
- Walker, A. (1968). *Once: poems*. San Diego, New York, London: A HBJ Book.
- \_\_\_\_\_. (1973). *Revolutionary Petunias & other poems*. San Diego, New York, London: Harcourt Brace & company.

